

A construção do enredo da Águia Imperial é dedicado a Claudionor Viana Teles Veloso, a eterna Dona Canô, exige mais do que um relato biográfico; demanda uma imersão nas camadas profundas da cultura brasileira que convergem para Santo Amaro da Purificação. Esta pesquisa analisa a trajetória da matriarca baiana sob a ótica da "reconvexidade", termo cunhado por seu filho Caetano Veloso para descrever a capacidade de ser, ao mesmo tempo, local e universal, tradicional e vanguardista. A vida de Dona Canô, estendida por 105 anos, funciona como um espelho da formação do Recôncavo Baiano, onde o barro do Rio Subaé moldou uma identidade pautada pela fé, pela resistência negra e pela musicalidade que nina a alma do Brasil.

Setor 01: Onde o Rio é Mais Baiano – Gênese e Fé Primordial

A história de Santo Amaro da Purificação, ponto de partida deste enredo, não se inicia com os registros cartoriais europeus, mas com a ancestralidade das águas e das matas. Por volta do ano 1000, os índios Tapuias, habitantes originais da região, foram deslocados por povos Tupis procedentes da Amazônia, estabelecendo um território de intensas trocas e conflitos. Quando os primeiros colonizadores portugueses, como João Ferreira de Araújo e os membros da família Dias Adorno, chegaram ao século XVI, encontraram a tribo tupi dos Tupinambás habitando as margens férteis dos rios Sergi-Mirim e Subaé. A fundação oficial da cidade em 1557, crescendo sobre terraços ao lado do rio Subaé, marca a implantação do sistema de sesmarias que definiria a estrutura econômica e social do Recôncavo. A doação de terras a Fernão Rodrigues Castelo Branco e, posteriormente, a Francisco de Sá, filho do governador-geral Mem de Sá, resultou na construção do Engenho Real de Sergipe, um dos pilares do ciclo do açúcar na Bahia. Este setor do enredo deve destacar a transição da mata virgem para o "mar de canaviais", onde o suor do trabalho escravizado e a ambição colonial começaram a desenhar o traçado urbano de uma cidade que se tornaria "Leal e Benemerita". A dimensão espiritual deste setor repousa na figura de Santo Amaro (ou São Mauro), o discípulo dileto de São Bento. A hagiografia conta que Amaro, ainda jovem, foi confiado por seu pai, o senador Equício, aos cuidados monásticos de Bento no final do século V. O milagre que define a iconografia do santo e sua conexão com a geografia hídrica de Santo Amaro é o salvamento do menino Plácido: sob ordens de seu mestre, Amaro correu sobre as águas de um lago para resgatar o companheiro que se afogava, percebendo o prodígio apenas após retornar à terra firme. Esta "fé que caminha sobre as águas" é a metáfora visual perfeita para a abertura do desfile, ligando o milagre europeu à realidade do Rio Subaé.

A fé em Santo Amaro e em Nossa Senhora da Purificação formam a base do catolicismo popular local. A atual Igreja Matriz, cuja construção se iniciou em 1706 após a queda do templo original, é descrita pela própria Dona Canô como uma igreja "alegre e clara", em contraste com o barroco carregado e escuro de outras regiões. Esta luminosidade deve permear a estética do primeiro setor, unindo o azul do rio, o verde da cana e o branco da arquitetura colonial, sob o olhar atento dos povos indígenas que, apesar da opressão, colaboraram com o estabelecimento da povoação.

Setor 02: A Menina do Sobrado – Infância e o Saber Viver

Claudionor Viana Teles Veloso nasceu em 16 de setembro de 1907, em uma Santo Amaro que ainda respirava a poeira dos engenhos e o aroma dos livros. Embora oriunda de um lar

humilde, filha de Anísio César de Oliveira Viana e Júlia Muniz de Araújo, Canô teve a sorte de ser amparada por uma família de posses, o que lhe garantiu uma educação de elite para os padrões da época. Este setor do enredo deve explorar a transição da infância rústica para a juventude refinada, onde a menina que ganhou o apelido "Canô" ainda criança começou a tecer sua rede de afetos e sabedoria. A formação cultural de Dona Canô incluiu o aprendizado do piano e do francês em escola particular, o que lhe conferiu uma sensibilidade artística que seria fundamental na criação de seus filhos. Ela cresceu em um ambiente propício para a apreciação de teatro e poesia, cultivando o hábito da leitura até o fim da vida. No enredo, esta fase pode ser representada por elementos que remetam aos jardins de infância do início do século XX, ao som das notas de um piano que ecoa pelas janelas dos sobrados coloniais, e à musicalidade natural de uma "soprano afinadíssima" que sempre amou cantar. O encontro com José Teles Veloso, o Seu Zezinho, funcionário dos Correios nascido em 1901, marcou o início de uma dinastia de talentos. Casaram-se em 1931 e viveram uma união de 53 anos baseada em contrastes harmoniosos: Canô era o dinamismo, a organizadora, a cantora; Seu Zezinho era o recolhimento, a calma e a poesia declamada. O sobrado de dez quartos na Avenida Ferreira Bandeira, onde residiu por mais de 60 anos, tornou-se o porto seguro de oito filhos: Nicinha, Clara Maria, Maria Isabel (Mabel), Rodrigo, Roberto, Caetano, Maria Bethânia e Irene. A vida cotidiana de Dona Canô era pautada por um "saber viver" que atraía turistas, políticos e artistas. Ela recebia a todos com franqueza e discernimento, personificando o arquétipo da "Grande Mãe". No enredo, este setor deve ser visualmente rico em elementos domésticos sagrados: o cheiro do café, os bordados, a mobília pesada de jacarandá e as fotos de família que adornavam as paredes do quarto, transformando a vida privada em uma celebração pública da hospitalidade baiana.

Setor 03: A Novena de Luz – O Catolicismo Vivido

A religiosidade de Dona Canô era a viga mestra de sua existência. Seu catolicismo não era meramente ritualístico, mas uma extensão de sua ação social e comunitária em Santo Amaro. Este setor foca nas vertentes da fé católica que se fundem à imagem da matriarca, destacando a Novena de Nossa Senhora da Purificação e o Terno de Reis. A força de sua devoção era tamanha que a celebração da padroeira, realizada entre 24 de janeiro e 2 de fevereiro, passou a ser identificada pelo povo como a "Novena de Dona Canô". O Terno de Reis "Filhos do Sol" é uma das manifestações mais vibrantes desse setor. Organizado pela família Veloso há mais de 50 anos, o cortejo religioso de tradição portuguesa é inspirado nos Reis Magos. O Terno, que começa na sede da centenária filarmônica Lyra dos Artistas, conta com anjos, coroas e cânticos que animam as ruas do centro histórico. Caetano Veloso, frequentemente representando um dos magos, e Maria Bethânia, trazendo elementos de sincretismo como a água-de-cheiro de Oxum, demonstram como a fé de Canô era aberta e acolhedora. A relação de Canô com a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação era de profundo zelo. Ela empenhou-se pessoalmente em reformas no templo, garantindo que ele permanecesse "alegre e claro". Sua luta, porém, extrapolava as naveas da igreja; ela foi uma defensora incansável da despoluição do Rio Subaé, contaminado por chumbo durante décadas. No enredo, este catolicismo social e ecológico deve ser retratado como uma "reza braba" que busca a cura da terra e do povo. A devoção de Canô também se manifestava na prática do desapego. Em seus aniversários centenários, ela recusava presentes pessoais, solicitando que os convidados doassem comida ou material de higiene para os necessitados. Esta "santidade do cotidiano" é o que a tornava uma autoridade

moral capaz de dar puxões de orelha em figuras públicas, inclusive em seu filho Caetano, quando este agia com desrespeito ou deselegância.

Setor 04: Bembé do Mercado – O Tambor da Resistência

O enredo atinge sua densidade máxima ao tratar do Bembé do Mercado, o único candomblé de rua do mundo, realizado em Santo Amaro desde 13 de maio de 1889. Esta festa secular, que comemora a abolição da escravidão, transforma o Largo do Mercado no centro da cidade em um território sagrado de resistência e afirmação negra. Dona Canô, apesar de sua formação católica, era uma figura de prestígio absoluto nos terreiros da região e uma frequentadora assídua dessa manifestação. A conexão de Canô com o Bembé é marcada pelo rito da "dobra de tambores". Quando a matriarca chegava ao Largo do Mercado, o toque ritual dos atabaques sofria uma alteração rítmica específica, uma honraria máxima reservada a lideranças espirituais de grande envergadura. Ela era protegida por Oxum, a dona das águas doces e do ouro, o que explica a elegância e a doçura com que transitava entre a igreja e o barracão de candomblé. O carro deste setor, "Bembé de Mercado", deve retratar a estrutura do barracão montado na praça, com os orixás Xangô (dono da justiça) e Iemanjá em destaque. O Bembé é um ritual complexo que dura vários dias, envolvendo a abertura da roda, o Xirê (dança para todos os orixás) e o momento ápice da entrega do presente às águas na praia de Itapema. O enredo deve mostrar a transição do mercado – local de comércio e dor durante a escravidão – em um espaço de celebração e axé. A visualidade deste setor é marcada pelo "ritmo dos roçados das saias" das filhas de santo, pelo mariô (folhas de dendezeiro) que adorna o espaço e pelo som dos fogos que anunciam os momentos do rito. A presença de Caetano e Bethânia no Bembé, acompanhando a mãe, reforça o papel da família como guardiã dessa tradição. Caetano participava de debates sobre a salvaguarda do evento, enquanto Bethânia trazia o "suingue" e o sagrado para sua arte. O Bembé não é apenas uma festa; é a "matriarca da Roma Negra" manifestada em som e movimento, um sinal de resistência que deve ser passado de geração em geração.

Setor 05: A Reconvexidade da Canção – Filhos e Legado

O setor final celebra a relação de Dona Canô com seus filhos e como essa convivência moldou a música popular brasileira. Caetano Veloso e Maria Bethânia são os rostos mais conhecidos, mas o enredo deve incluir os oito irmãos, que sempre trocaram "chamegos, versos, prosas e batuques" entre si. A casa de Dona Canô era o centro gravitacional por onde todos orbitavam; o brilho que os alimentava não vinha da fama, mas da matriarca que nunca se esqueceu de suas raízes. A influência artística de Canô foi direta. Rodrigo e Mabel Velloso lembram que a mãe cantava lindamente ("era um espetáculo"), enquanto o pai, Seu Zezinho, recitava poesias e ninava os filhos com versos. Caetano e Bethânia ganharam o mundo sem jamais abandonar a inspiração do Recôncavo, berço do samba de roda. A canção "Reconvexo", escrita por Caetano para Bethânia, é o hino deste setor, sintetizando o orgulho de ser baiano e a reverência à "novena de Dona Canô". Este setor deve também homenagear a ligação da família com o Carnaval, especialmente com a escola de samba Mangueira. Em 2016, a Mangueira foi campeã com o enredo "Maria Bethânia: A Menina dos Olhos de Oyá", onde Santo Amaro foi levada para a Sapucaí. Caetano e Bethânia participaram de outros desfiles históricos, como em 1994 ("Atrás da Verde e Rosa só não vai quem já morreu"), demonstrando que a ponte entre o Recôncavo e o Rio de Janeiro é

pavimentada pelo samba e pelo afeto familiar. A imagem final do desfile deve ser a de Dona Canô aos 105 anos, cercada por filhos, netos e bisnetos, no sobrado que resistiu ao tempo. Ela é a "sombra da voz da matriarca da Roma Negra", a flor da primeira música e a espada que corta o preconceito com doçura e sabedoria. O enredo conclui que, para ser "reconvexo", é preciso ter um centro forte – e esse centro, para a cultura brasileira, atende pelo nome de Canô.